

*Leonardo Mota*

Mais de trinta anos se foram desde que, num educandário do sertão cearense, fui atacado do mal incurável da literatice. . . Esse estabelecimento de ensino secundário, que era o Ginásio São José, na Serra do Estêvão, tinha a dirigi-lo os Monges Beneditinos, e possuía uma sociedadezinha de colegiais, a qual se chamava *Recreio Literário*. Responsabilizo tal *Recreio Literário* pela mania beletrística de que jamais me libertei e que, se nenhum proveito material causou, nenhum benefício importou, por igual, às letras indígenas.

Mas, aquele grêmio estudantil de minha descuidosa juventude, orientado por espíritos de mestres como os saudosos Alberto Montezuma, Adolfo Siqueira Cavalcante, padre Emílio Leite Álvares Cabral e Joaquim Ferreira de Melo, este último hoje eminente Bispo da diocese gaúcha de Pelotas, me obriga, quando a quando, a enternecidas recordações. Evoco-o, nesta hora festiva para a minha alma. Se foi no *Recreio Literário* do Ginásio São José que eu comecei a delinqüir contra os cânones da Arte Poética e os preceitos da Oratória, foi ali também que aprendi a admirar e benquerer talentos que lucilavam num inequívoco aceno de promettimentos do que haveriam de ser e estão sendo, vida em fora.

Hoje, quando alvoroçado transponho o ádito da Academia Cearense de Letras, aos meus olhos se depara neste sodalício um daqueles companheiros dos meus primeiros ensaios intelectivos: Dolor Barreira, cuja ausência seria inexplicável no elenco desta Ilustre Companhia, que congrega muitos

dos valores exponenciais do Ceará mental contemporâneo. Mais de três decênios decorridos, destino amável torna a reunir-nos, e, para completo gáudio de seu coração, o bisonho recipiendário desta noite vai ter como paraninfo o mesmo antigo colega de escaramuças tribunícias, quando ambos rapazelhos.

Como é diferente daquele que, há mais de seis lustros, nos ouvia, o auditório para o qual falamos hoje! Neste salão florido pela sociedade e por tantos homens de pensamento da metrópole cearense, um público de escol se nos antolha, mas, àquele recuado tempo, quase somente mestres e condiscípulos recolhiam as primícias de nossas inteligências. Raramente da povoação vizinha, localizada a um quilômetro de distância da Abadia e do Colégio, vinham convidados para as nossas tertúlias escolares. Em meio a esses comparecentes, as pessoas gradas infalíveis, as “pessoas de cerimônia” deviam ser o sr. França, agricultor *doublé* de chefe político, e a gordanchuda professora Dona Rosária. Mas, nós lhes não *ligávamos*. Nossa atenção convergia, de preferência, para as moçoilas serranas, que não chegavam para as encomendas dos olhares lânguidos de uma centena de adolescentes enclausurados sob infrangível disciplina monástica e, assim, famintos de namoricos platônicos.

Na nossa ingenuidade recitávamos versos lamechas, inspirados pelo constante manuseio das *Primaveras*, do tristonho Casimiro de Abreu, único livro de poesias que a vigilante censura caseira nos permitia deletrear. Lembro-me do figurão que acreditei estar fazendo, certa vez, ao declamar, atrevidamente de olhos fitos numa *dulcinéia* esquiva, as estrofes do “Amor e Medo”, do tímido e indeciso vate fluminense... Lembro-me dos sucessos que importavam os pomposos discursos de Dolor Barreira, todos eles vasados em estilo grandiloquente, o que, nas aulas de Literatura do quinto ano, faziam com que o professor Alberto Montezuma assim definisse os seus três alunos: “O Dolor Barreira tem o estilo sublime, o Clóvis Moura o estilo simples, o Leonardo Mota o estilo temperado...” Lisonjeava-me, palavra, lisonjeava-me saber que

ao meu *estilo* davam o mesmo qualificativo com que se precocizava o ameno clima da montanha em que vivíamos...

Atentai na engraçada parábola de meu destino: jovem, gabavam-me o estilo *temperado*; homem feito, más línguas me acusam de *intemperança*...

Dos alcantis da Serra do Estêvão se descortina um dos mais sugestivos panoramas cearenses: intérmina planura sertaneja só interceptada pelos monólitos que montam guarda à cidade de Quixadá; o casario desta, de cujo centro se eleva a esguia torre branca da Matriz; a bacia do açude do Cedro, reverberando as cintilações do sol, ou a branda luz do luar; as vazantes do Riacho Verde, como um borrão glauco numa paisagem pardacenta; a torcicolosa estrada que, a principiar da ladeira do Engano, comunica a serra com o sertão e que parecia enorme serpe imóvel, aqui e ali escondida pelo mato adjacente; ao longe, muito ao longe, os cabeços da Serra Azul eriçando a linha do horizonte; e, para tormento de minha saudade, ao norte de Quixadá, o ponto branco da casa-grande do sítio Herval, residência de meus pais...

Num cenário qual aquele, e numa idade qual a nossa, não podíamos deixar de fazer pé de alferes à inefável *Virgem Loura* de Casimiro de Abreu, de vez que a férrea disciplina do internato nos vedava o colóquio com as musas de carne e osso. Nossos estudos eram áridos, razão por que, ajeitando rimas e filigranando fantasias em prosa, simultaneamente nós nos recreávamos e fazíamos o noviciado do beletrismo.

Não foi “tapetado de rosas e boninas” o caminho pelo qual, vindo do *Recreio Literário*, cheguei à Academia Cearense de Letras.

Mas, nesta noite cabem apenas suaves rememorações, e eu, que “nunca descri de ser o vencedor”, esqueço as horas tristes e tormentosas, para todo me entregar ao júbilo e desvanecimento de me haverdes admitido neste sodalício, a que eu não era completamente estranho.

Muita gente supõe ter sido a Academia Brasileira de Letras planeada por Lúcio de Mendonça, em 1896.

Medeiros e Albuquerque, sem que nisso porfiasse na caça de uma benemerência, provou que a idéia da fundação da Academia fora dele, Medeiros, que a submetera, em 1889, a Aristides Lobo, ministro do generalíssimo Deodoro. O próprio Lúcio de Mendonça proclamou isso em artigo de sua autoria, e Belisário de Sousa, ao receber Medeiros no Silogeu de Niterói, dizia que Medeiros era “o avô da Academia Brasileira e, portanto, o bisavô da Academia Fluminense”.

Sem que reclame lauréis para mim, ousou asseverar que a reorganização da antiga *Academia Cearense* de 1894 em *Academia Cearense de Letras* foi iniciativa minha, em 22 de março de 1922.

De regresso do Rio de Janeiro, onde assistira à publicação de meu livro *Cantadores*, fui recepcionado no “Salão Juvenal Galeno”, numa inolvidanda festa, a que assistiu Justiniano de Serpa, então Presidente do Ceará. Em meu agradecimento à enleante homenagem dos cerebrais coestadanos, detive-me em referir o que observara através do Brasil: grêmios literários florescendo em quase todos os Estados, numa afirmação radiosa do espírito gregário que fraternizava os escritores provincianos. E, lamentando que aos literatos da *Terra da Luz* faltasse um órgão coordenador de suas atividades, concitei os meus confrades a nos nuclearmos numa Academia Cearense de Letras. Tive até a solércia de lembrar que assim como, quando da fundação da Academia Brasileira, fora aproveitada a circunstância de o Ministro do Interior ser o sociólogo Alberto Torres, também para a criação da congênere cearense não devíamos malbaratar a oportunidade de termos na governança de nossa terra o eminente Justiniano de Serpa, que, antes de se tomar de amores pelas letras jurídicas e pela ciência da administração, antes de ser proclamado no Congresso Nacional *leader* da consciência legislativa do país, fora, nos albores inquietos da existência, um dos poetas dos escravos cearenses e um dos componentes do “Clube Literário”

de 1887 e do “Centro Literário” e da “Academia Cearense”, de 1894.

Transpagino para aqui o breve e comprobatório trecho de uma crônica de Antônio Sales, publicada naquela época: “Uma noite destas, em sua conferência em casa de Juvenal Galeno, o atual redator-chefe do *Correio do Ceará*, Dr. Leonardo Mota, tendo verificado a importância e eficiência das Academias de Letras que existem nas capitais por onde passou, proclamou a necessidade de possuímos uma corporação similar. Eu estava sentado, neste momento, ao lado do ilustre Presidente do Ceará, que, há cerca de trinta anos, faz parte da Academia Cearense, e creio que foi isso que me impediu de observar, em aparte: “*Mas, Leonardo, nós já temos uma Academia aqui!*” Temos uma Academia, é certo, mas tão mergulhada em seu sono letárgico, que um homem de letras e um jornalista, como Leonardo Mota, não tinha noção de sua existência.”

Nem podia deixar de ser assim, digo eu. Em 1914, cessara de circular a *Revista da Academia Cearense* e perdia-se no esfumínio do pretérito a data em que pela vez derradeira se reunira aquele areópago de letrados.

No dia imediato ao de minha arenga no “Salão Juvenal Galeno”, Justiniano de Serpa chamava-me ao Palácio do Governo e, ali, desde então, em sua companhia e na de Tomás Pompeu e do Barão de Studart, começou o cotidiano trabalho de composição do primeiro quadro social de membros efetivos da nascitura Academia Cearense de Letras.

Estabeleceu-se preliminarmente que a nova instituição seria mera reconstituição da primitiva Academia de 1894, aumentando-se para quarenta o número de Acadêmicos. Foram assim aproveitados para a nova sociedade os oito consócios sobreviventes e domiciliados aqui, passando para a categoria de correspondentes os que não mais residissem em Fortaleza, a exemplo de Eduardo Studart, Franco Rabelo e Eduardo Salgado.

A 17 de julho efetivava-se nossa primeira reunião, e, aos 8 de setembro de 1922, no primeiro dia do segundo século

de nossa emancipação política, se realizava a sessão solene de instalação da Academia Cearense de Letras. Convertia-se, destarte, em realidade, meu acariciado sonho de menos de um semestre atrás.

De que fui o idealizador da Academia Cearense de Letras, um incidente dá testemunho. Numa das sessões em que se discutiam nossos Estatutos, conservava-me alheio aos debates, quando Justiniano de Serpa me instigou: “E você, que é que diz? FAZ A ACADEMIA e se desinteressa por sua lei orgânica?!”

Não reivindico, porém, para mim a ufania de haver feito nascer a Academia Cearense de Letras de 1922. Essa glória deve ser atribuída a Justiniano de Serpa, sem cuja inestimável prestimosidade minha sugestão de 22 de março teria sido semente atirada em lagedo. Ele empenhou-se verdadeiramente em fazer à Academia todo bem possível. Conseguiu que a Assembléia Legislativa a declarasse de utilidade pública e, em Mensagem de 16 de outubro de 1922, chegou a pleitear da Câmara Estadual autorizasse o Poder Executivo a adquirir um prédio em o qual pudessem os Acadêmicos realizar suas sessões.

A *Academia Cearense*, de 1894, teve em Studart e Pompeu seus mais preclaros servidores. Da Academia Cearense de Letras, de 1922, o ínclito animador foi Justiniano de Serpa.

Ainda bem, Senhores, ainda bem que o meu retorno à Academia se está verificando sob um teto glorificado pelo nome daquele caboclo filho de Aquirás, autêntico intelectual que a política não estragou nem perverteu!

Para mim, pelo menos, a Cadeira nº 28, que a vossa magnanimidade não me negou, é, nesta Academia, das de mais difícil preenchimento ou sucessão. Ela tem como patrono Oto de Alencar Silva, e seu primeiro ocupante foi José Sombra Filho.

À semelhança de João Ribeiro, no seu discurso de posse na Academia Brasileira e ao fazer o elogio de Luís Guimarães Júnior, confesso-me “sem a dignidade espiritual necessária”

para uma dissertação sobre aqueles nomes que tanto exalçam a poltrona ora banalizada por meu desvalor.

Ao mediocre folclorista, ao mofino rapsodo dos menestres plebeus a sorte põe, face a face, com um matemático e um filósofo. . . Incongruências deste jaez pululam, aliás, na história da “Casa de Machado de Assis”. O jurisconsulto Pedro Lessa não teve assento no *fauteuil* do cantor elegíaco do “Evangelho nas Selvas”? e o aviador Santos Dumont no do filósofo Tobias Barreto? e o médico Miguel Couto no do estadista Visconde do Rio Branco? Mais: o higienista Osvaldo Cruz não sucedeu ao poeta d’As Pombas? o clínico Austregésilo ao filólogo Heráclito Graça? o piedoso Arcebispo Dom Silvério ao periodista que, convidado para escrever sobre o Domingo da Ressurreição, perguntava ao diretor do jornal se queria o artigo a favor ou contra Jesus Cristo?

De qualquer forma, é constrangido que eu, aluno reprovado em Geometria e Álgebra no meu terceiro ano de preparatórios, começo a falar da cerebração altíssima, cujas cogitações jamais foram de meu pendor.

Oto de Alencar é um nome sideral da ciência brasileira. Havendo vivido menos de 38 anos, ou fosse de 3 de agosto de 1874 a 25 de fevereiro de 1912, quando a morte lhe abriu sete palmos de terra, a sua fama, de há muito, se irradiara para além do Continente, impondo-se nos grandes centros culturais do Velho Mundo.

Desse sapientíssimo cultor das ciências exatas é lícito dizer-se que foi em Fortaleza, onde nasceu, verdadeiramente um “menino-prodígio”. Em seu gênio precocemente revelado, conforme o testificam coevos, era “assombrosa a intuição, eram pasmosos os conhecimentos das matemáticas elementares”.

Ainda quase criança e já habilitado para o curso superior, ei-lo matriculado na Escola Politécnica da Capital Federal.

Afonso Taunay descreve o colega cearense, tipo do esqui-sitão, não obstante tão jovem:

“Oto de Alencar nunca foi um *estudante brilhante*; pelo contrário, ignorava totalmente a arte de *fazer exames*. Ao que os mestres lhe perguntavam respondia incisivamente, mas sem-



pre locônico e glacial. Repugnava-lhe fazer alarde dos conhecimentos e parecia encarar os atos como meras formalidades, enfadonhas quanto possível, a que era preciso sujeitar-se. Colegas havia que, às vezes, alcançavam notas melhores que as suas; mas nenhum por isso se julgava capaz de com ele competir. Se os lentes nem sempre o distinguiam com os mais altos graus de aprovação, faziam-no devido a certa impressão desagradável que lhes causavam as suas provas orais, uma atitude acanhada, revestida de glacialidade e abstração.

“Era, então, uma personalidade singular em que, à primeira vista, ressaltavam as faces que caracterizam os homens de inteligência fora do comum.

“Sombrio, taciturno, reconcentrado, pouco sociável, tinha o aspecto de um eterno abstrato; por trás dos óculos espessos, brilhavam-lhe os grandes olhos, ausentes e sonhadores. Muito poucos eram os que lhe conseguiam alcançar a intimidade. Não havia, entretanto, em sua atitude o menor vislumbre de soberbia, sequer de pouco caso. Passava indiferente a tudo e a todos.

“Real bondade lhe animava o coração no meio daquela frieza de aspecto: era um colega solícito, desde que lhe pedissem os préstimos; nas épocas de exames, passava semanas a fio a explicar os pontos de uma série de cadeiras, as mais diversas, a muitos examinandos em apuros, alguns dos quais lhe haviam sido apresentados no momento, por amigos comuns. Tudo isto, entende-se, gratuitamente.”

Engenheiro civil aos 19 anos, Oto de Alencar balanceou as próprias forças e sentiu que podia enfrentar a cátedra do magistério. Preferiu a livre docência a sacrificar os seus vastos conhecimentos na penumbra do viver inglório de simples empreiteiro de construções.

Aos 30 anos, já reputado o maior matemático patricio, ascendeu ao posto de Catedrático da Escola Politécnica, lugar que disputou sem competidores, tamanho o respeito que seu nome infundia, tal a certeza do fracasso de quem ousasse medir-se com ele num concurso.



Mestre, Oto esparziu, a mancheias, o mirífico, o incomparável cabedal de saber de que era detentor. Física Experimental, Geometria Analítica e Cálculo Diferencial e Integral, Astronomia e Geodésia, Eletrotécnica e Ótica Aplicada à Engenharia, Topografia, Hidrografia e Legislação de Terras, Mecânica Racional, Mecânica Aplicada e Resistência dos Materiais, Termodinâmica e Máquinas, Cálculo das Variações — foram as disciplinas que Oto professou no alto Instituto de Ensino, que lhe perpetuou a memória no bronze de um busto.

E, enquanto se imortalizava na lembrança dos discípulos, solidava o seu renome no apreço de núcleos de cientistas, como a Sorbona, de sábios de reputação mundial, como Henri Poincaré.

O proficiente analista da Lei de Descartes e da Fórmula de Stockes colaborou assiduamente nas maiores revistas européias de estudos da sua predileção, quais o *Bulletin des Sciences Mathématiques* e *L'Enseignement Mathématique*, de Paris, o *Jornal de Ciências Matemáticas, Físicas e Naturais*, de Lisboa, e o *Jornal de Ciências Matemáticas e Astronômicas*, de Coimbra e do Porto. Não é estranhável que ele escrevesse a periódicos de além-Atlântico para neles perpetuar o fruto opimo de suas diurnas lucubrações. É de Lúcio Martins Rodrigues este reparo elucidativo:

“Comportasse o nosso meio científico o desenvolvimento da Alta Análise Matemática, da Mecânica Celeste, da Física Matemática, como se faz e se tem feito, por exemplo, em cursos como o da Sorbona, por professores da ordem de Picard, Poincaré, Tisserand e outros, teria Oto de Alencar o verdadeiro cenário para as suas magistrais publicações.”

João Luso, no livro *Elogios*, traceja o perfil de Oto de Alencar, e ele, aí, nos aparece tal qual no-lo apresenta também Afonso de Taunay: carrancudo, ar de quem sobrepairasse no mundo das abstrações, um ser humano “a quem fatalmente se atribuíam as distrações e as esquisitices peculiares à espécie anedótica dos sábios”. Mas, João Luso distingue: dentro do Oto gravibundo havia um outro Oto “muito simples e

afável, rapaz encantador, cheio de graça, de alegria, da mais fina e comunicativa jovialidade”.

Esse Oto comunicativo não era, porém, alma que se escancarasse. Só uns raros, uns íntimos chegavam a conhecê-lo sob essa feição camaradesca. Oto de Alencar era um virtuose do piano, e, sabendo Wagner de cor e salteado, às vezes interrompia intempestivamente o “Tannhauser” e desandava brincalhonamente em brejeiras músicas populares, como o “Bate-Bife”.

Certa noite, num hotel de Teresópolis, improvisou-se um serão musical.

Instado a dedilhar as teclas, Oto aquiesceu, não sem constrangimento, e, em plena tocata, porque mocinhas trêfegas comecem a cochichar, desatentas à execução, o artista excêntrico, *“sem se indignar, sem se alterar, sem nenhuma pose, concertando impassivelmente as lunetas, abandona o piano e sai do salão”* . . .

Antônio Sales referiu-me que a maior afeição de Oto de Alencar era o médico cearense Dr. José Nava, o buliçoso *G./ Navarra*, da “Padaria Espiritual”. Juntos, Oto e José Nava, pareciam duas crianças, pela infantilidade de seus entretenimentos. De uma feita, Sales os encontrou papagueando o idioma embrulhadíssimo dos petizes traquinas. Queria saber o Nava:

— *Vô-pô-cê-pê é-pé meu-peu a-pa-mi-pi-gó-pó?*

E o Oto, sem pestanejar:

— *Sou-pou, sim-pim* . . .

As cogitações austeras de Oto de Alencar não empeciam seu amor à música, mas o faziam desdenhar os rimadores. Ele disse, uma ocasião, confiadamente, a Antônio Sales: *“Nada maior, neste mundo, que o desprezo de um matemático por um poeta!”* Ao que Sales obtemperou, em cordial revide: — *“Maior que o desprezo de um matemático por um poeta, só o desprezo de um poeta por um matemático!”*

Oto comprazia-se, deliciava-se em pregar peças, ingênuas e infantis, às pessoas de sua amizade. João Luso estava em

Teresópolis, quando recebe, do Rio, cabalístico recado telegráfico de Oto: “*Sigo levando as seis caldeiras.*” João Luso fica intrigado, sem saber de que proezas o “esquisitão” seria capaz. Ignora que caldeiras sejam essas e atrapalha-se, ataranta-se no arranjo da devida condução para as mesmas. Vai esperar o trem e deste vê apear-se o cientista. Pergunta pelas caldeiras e Oto, sorridente, retira do bolso um livro: intitulava-se *As seis caldeiras* e era da autoria de um físico inglês ou alemão. . . . O transmissente do telegrama não pusera os pontos nos *ii*, por não imaginar que o destinatário ignorasse do que se tratava. . . .

É ainda João Luso quem narra que, em determinada época de sua vida, foi surpreendido por extensa carta, na qual, em cinco enormes folhas de papel quadriculado e sem nenhum propósito, Oto dissertava sobre certo princípio científico, de que, então, na Europa, se começava a falar. João Luso confessa que, alheio aos estudos de Oto, da teoria deste não colheu senão uma idéia muito vaga. . . .

Deus me perdoe, mas desconfio que o mesmo sucedeu ao saudoso Barão de Studart, com quem Oto se carteceu, ministrando-lhe esclarecimentos a propósito de transcendentais questões que jamais foram das cogitações de um historiógrafo. . . . Uma dessas missivas pode ser lida em o número décimo-oitavo da *Revista da Academia Cearense*, ano de 1913.

Da vida anedótica de Oto de Alencar merece mencionado um episódio tragicômico: aludo a uma frustrada experiência radiológica, das primeiras que se fizeram no Brasil. De tal experiência resultou o acidente que ia vitimando um curioso acadêmico. Esse estudante tornou-se o distinto médico César Rossas, que ainda hoje mostra no rosto os sinais das graves radiodermites recebidas. . . .

O patrono da Cadeira nº 28 da Academia Cearense de Letras teve estudos seus de divulgação disputada pela Academia de Ciências de Lisboa, a exemplo da crítica à *Síntese Subjetiva*, de Augusto Comte. Nesse trabalho, expressivamente intitulado *Quelques erreurs de Comte*, Oto de Alencar — conforme ele próprio explicou em carta ao Barão de Studart

— demonstrou que alguém pode ser “um grande filósofo e um mediocre matemático”, à semelhança do criador da ortodoxia positivista. . .

Mesmo no terreno das realizações práticas, o conspícuo fortalezense faz jus à gratidão nacional. Qual é um dos feitiços, de que se envaidece aos olhos do turista surpreso a maga *Cidade Maravilhosa*? É, sem dúvida, a estupenda iluminação que lhe vale a antonomásia de *city feérique*, e essa iluminação é devida a Oto de Alencar, que a remodelou, dando ao Rio o suntuoso colar de luzes que adorna as curvas graciosas da Guanabara, ao longo da Avenida Beira-Mar.

Afonso Taunay, o minudente e carinhoso necrólogo do didata da *Teoria dos Erros*, conceituou, com acerto:

“Ante a sepultura de Oto de Alencar Silva, parece-nos ver o gênio tutelar da Pátria Brasileira repetir ansiosamente as palavras arrancadas a Laplace pela notícia da execução de Lavoisier: “*Quantos anos hão de decorrer até que possa a Nação produzir uma mentalidade semelhante a esta?! . . .*”

Se não tive a fortuna de conhecer Oto de Alencar Silva, a José Sombra admirei, de perto, e quis bem, de coração.

Em referência a esse a quem *sucedo, mas não substituo*, pode ser parodiado o que de Olavo Bilac escreveu Goulart de Andrade: “Foi a mais perfeita flor da civilização cearense”.

José Sombra era a alma delicada que deliciava os nossos círculos intelectuais com as ternuras de uma gentileza imutável e de uma bondade perene. Singelo e sem asperezas, engrandeceu-se serenamente, sem forçar passagens, tendo sempre nos lábios uma palavra de meiguice para os que distinguia com a sua estima, e um sorriso de perdão para os que se irritavam com a mansuetude de seu plácido existir.

Em sentida página de saudades, Djacir Meneses grafou, que, vendo passar o esquife de José Sombra, monologara o que Eça de Queirós, em igual circunstância, dissera de Antero de Quental: “Ele era um gênio e era um santo.”

Olhando-o, muita vez me veio à lembrança a confissão de um idealista argentino: *“Mis ojos son los de un hombre que ha aprendido como el vivir es un dolor.”*

Em José Sombra, conformemente em certo notável pensador, “um superior idealismo cristão se juntava à mais invencível melancolia, mas a sua tristeza não era amarga, nem cruel; era uma fonte cristalina de ternura e de amor”. Andrade Furtado acertou, ao lhe traçar o perfil psicológico: “José Sombra foi um gênio melancólico, sem que essa melancolia denunciasse outra coisa que a preocupação constante de desvendar, dentro do próprio eu, o mistério das idéias... Trazia sempre à flor dos lábios um sorriso de dorida e ignorada ansiedade. Deixava-me a impressão de quem guarda consigo a nostalgia de um bem indefinível.”

José Sombra faleceu precisamente no dia em que completava quarenta e nove anos e um mês, pois que viera à vida em 21 de março de 1883, e o ciclo de sua peregrinação terrena se fechou aos 21 de abril de 1932. Nasceu ocasionalmente em Viena d'Áustria. Seu pai, recentemente doutorado em Medicina, e consorciado, empreendera, com a esposa, uma viagem de estudos aos centros científicos europeus, o que explica o nascimento do filho longe dos céus do Ceará.

Órfão de pai aos cinco anos incompletos, teve a lhe guiar a meninice o Dr. Barão de Studart, com quem sua genitora se casara, depois de um ano de viuvez. Aos quinze anos, era órfão de pai e mãe. Evoco esses fatos, a fim de que se aquilate o muito que a formação de sua fisionomia moral deveu ao espírito luminoso e boníssimo de seu padrasto. Isso, que ora digo chãmente, Jorge de Sousa disse-o com brilhantismo, quando opinou, à beira da sepultura de José Sombra: “Para a sua austeridade de vida e de costumes, só poderia ter servido de decalque aqueloutra dos varões de Plutarco. É que os rudimentos básicos da formação do espírito e do caráter, ele os recebeu e soube aprimorá-los, ao influxo benéfico dessa pedagogia inigualável na eficácia dos preceitos: a que vem do berço das tradições patronímicas, do exemplo e ensinamentos

da Família, forte manancial de estímulo avigorante para o cultivo do sentimento e da razão.”

A juventude de José Sombra defluiu tranqüilamente, em meio aos estudos liceístas. Cedo, nele repontou a paixão das belas-letras. Foi, em 1899 — aos 16 anos —, um dos fundadores da sociedade *Iracema Literária*, e, no ano seguinte, um dos redatores da revista *Praça do Ferreira*.

A princípio, o vernaculista Torres Portugal, Catedrático do Liceu, previu e predisse o esplendor do futuro de José Sombra em matéria lingüística, talqualmente, mais tarde, outro Mestre — Farias Brito —, lente de História Universal, teria de se impressionar com a vocação do pequenino discípulo para o alto remígio das cogitações filosóficas.

O tirocínio acadêmico propiciou vôos mais largos ao seu talento em plena fulguração. Entre os seus triunfos, quando estudante de Direito, sobressai o discurso que, como representante da classe, proferiu em 1905, por ocasião da festa anual, comemorativa da instalação dos cursos jurídicos no Brasil.

Bacharel em 1906, não ingressou na advocacia militante, nem na magistratura. À sensibilidade artística daquele esteta repugnava o trato prosaico dos praxistas forenses, o lidar desagradoso com as bolorentas fórmulas tabelioas. Era inapagável nele o gosto pela literatura, pelo magistério, pelo jornalismo e pelos estudos filosóficos. Freqüentou a tribuna das conferências e deu-nos lapidares páginas, em “palestras” como *A falência da moral leiga*, recitada no “Círculo Católico”; *José Albano*, dita no “Salão Juvenal Galeno”, *Contra o Alcoolismo*, lida na “Associação dos Merceeiros”, e *O Feminismo*, pronunciada no “Clube dos Diários”.

Do que José Sombra valia como tribuno, todos guardamos vívida lembrança. Quando ele se erguia, a assistência ficava presa aos eflúvios e magia de seu verbo colorido e sedutor. Sóbrio nos gestos, a frase lhe irrompia ágil, sonora e tersa, enleando os ouvintes na trama das louçanias de um estilo faceto.

Paraninfando as professorandas de 1924, tinha apóstrofes como esta, ousada naqueles ominosos tempos da chamada

*Pátria Velha: "A política é, no Brasil, a triste ceifeira dos maus destinos. Bastaria que ela não interviesse com seus interesses e paixões, com a sua ação corrutora no domínio destas duas atividades, — a Justiça, que é a garantia do presente, e o Ensino, que é a garantia do futuro, para que imediatamente se transformasse o cenário social do país."*

José Sombra foi, inquestionavelmente, um orador de predicamentos invulgares. Fazendo o elogio fúnebre de Justiniano de Serpa, ele observava que idéias nítidas e entusiasmo constituem o segredo da eloquência, porque *"não se persuade sem clareza nas idéias, não se impressiona ou domina uma assembléia sem entusiasmo"*.

Desdenhava o fraseado campanudo e oco. E lastimava: *"A literatura brasileira é uma literatura de poetas. Nela dificilmente se encontra este nobre tipo intelectual que é o pensador. O brasileiro é amigo do idealismo vago, é apaixonado da cultura verbal e de artificios de retórica. Foge das questões concretas e, fascinado pelo diletantismo, tem horror ao esforço demorado e continuo."*

A imprensa seduzia José Sombra, mas a grosseria, a brutalidade dos processos jornalísticos de há dois ou três decênios determinaram fosse rápida a sua passagem pelo periodismo estadual. Enojou-o a pasquinice em voga. Substituto de Soriano de Albuquerque na direção do *Diário do Estado*, não se agüentou sequer um mês no posto, e, menos de noventa dias depois, seu sucessor era assassinado, a faca, sangrado na carótida. . . . Com a brandura e mansidão de seu temperamento, com a sua devoção pelas boas maneiras, não era homem talhado para as capadoçagens da palavra escrita, jamais se apareceria com os cafajestes e cangaceiros da pena. Talento aristocrático, floreteava elegantemente a ironia. Era fidalgamente, com punhos de renda e não de mangas arregaçadas, que ele esgrimia a controvérsia. Possuía, como reparou José Lino, aquilo a que Taine chamava *"o respeito à dignidade humana e a higiene do talento"*.

Farias Brito foi o doutrinador que mais influiu no espírito de José Sombra.



Ao se candidatar a uma cátedra na Faculdade de Direito deste Estado, a tese de concurso apresentada por José Sombra versou *A idéia do Direito na filosofia de Farias Brito*. Como ele se retratava a si mesmo, retratando o Mestre: *“Contemplativo à maneira de Jouffroy, vivendo mergulhado no seu próprio eu, de gênio melancólico, mas de uma melancolia viril, melancolia que não é enfermidade de espírito, mas reveladora de meditação profunda, Farias Brito parecia pensar como Amiel, o delicado moralista suíço: “A ação nos limita, a contemplação nos dilata, a vontade nos localiza e o pensamento nos universaliza.” Ele tinha a paixão da verdade, a sede do infinito. Diante do espetáculo do mundo, seu espírito não podia permanecer quieto, agitava-se insaciável, procurando, por intuição, adivinhar a sutil essência da fenomenalidade universal, e se esforçando por fazer ressaltar a luz, do fundo tenebroso do inconnoscível.”*

Verdade é que, a princípio, José Sombra foi um sectário da “filosofia do desespero”. Ele próprio, ao descrever a visita que, em 1912, fizera a Guerra Junqueiro, na Europa, reconhecia que andava com o espírito atormentado por fatal pessimismo. “Eu era um schopenhauriano convencido”, revelou. “Para mim valia como uma sentença inapelável a frase do mestre de Weimar: “Nosso mundo é o pior dos mundos possíveis; o otimismo é uma observação inventada pelos professores de Filosofia.” A leitura de escritores desabusados, como Stendhal, Nietzsche, Montaigne e Anatole, constituía o meu alimento espiritual.” Até nisso, aliás, José Sombra patenteia afinidades com Farias Brito. Este, também, na sua juventude, foi influenciado por Schopenhauer. Apreciando a citada tese de concurso do meu predecessor nesta Academia, Jackson de Figueiredo frisou: “José Sombra sabe ver quanto Schopenhauer impressionou a mocidade de Farias Brito, mas soube também mostrar que, apesar disso, os dois filósofos chegaram a conclusões opostas, radicalmente opostas.”

Houvesse José Sombra vivido no Rio de Janeiro, a sua atividade se teria estimulado, e a afeição paternal de Farias Brito por Jackson de Figueiredo teria sido com ele repartida.

O polígrafo equilibrado, que tão admiravelmente comentou o *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado, sabia encarar o problema da nacionalidade: "Enquanto não estiverem bem definidas as nossas características históricas, o valor e a influência das nossas condições geográficas, das nossas peculiaridades econômicas, da nossa composição demográfica; enquanto não forem bem elucidados esses assuntos, será baldado falar em sociologia brasileira. Compreende-se a unidade política e moral, apesar da heterogeneidade das raças que o povoam, num país como a Rússia, em que a igualdade geográfica da estepe infinda e monótona como que funde numa só obra as variedades étnicas; ainda se explica na Argentina, que é hoje uma grande nação imigrantista, porque lá o pampa imenso e fertilíssimo harmoniza num mesmo interesse, uniformiza num mesmo sentimento as raças vindas de toda parte do mundo, absorvidas e homogeneizadas pelo espírito novo que parece rebentar da terra fecunda, num destino de fartura e de beleza. Mas, no Brasil, a desigualdade das raças é mantida e aumentada pela variedade das condições geográficas, e favorecida ainda pela inconstância administrativa. Insulam-se alemães em Santa Catarina, concentram-se polacos no Paraná, italianos em São Paulo, portugueses no Rio de Janeiro. O Nordeste é o grande laboratório dos nossos mestiços, onde estão indenes, por enquanto, de novas transfusões de sangue estrangeiro. As desigualdades de população criam as dos costumes, as da língua, a dos interesses coletivos. Fala-se hoje de nortistas e sulistas, como de gentes antagônicas; de paulistas, mineiros e ricgrandenses do sul, como de povos à parte. Nessa desordem em que tudo nos vai separando, poderia nos salvar um ideal coletivo, que não temos e que urge criar e fecundar, quanto antes, por meio de uma vasta e forte organização educativa, pois só a educação conveniente pode unir os brasileiros na sua infinita divisão de pequenos interesses."

Aí tivestes como pensava e como falava José Sombra, de quem Demócrito Rocha disse que "talvez tenha sido, no seu tempo, no Ceará, o único homem que pensou tranqüilamente, sem intencionalismo e com uma bravura ideológica tanto mais

verdadeira, quanto é sabido que se arrimava unicamente em suas convicções, de que, aliás, nunca fez alarde”.

Dói-me rememorar que a esse espírito de Eleito a morte nos arrebatou, mas como? — num acidente brutal, numa conjuração perversa, numa surpresa estarrecente e com uma crueldade arrepiante: arrastando-o, como a um trapo, entre os destroços de um veículo e através das lages duras de um calçamento, despedaçando-lhe o corpo débil, arrebentando aquele crânio onde só se aninhavam pensamentos augustos, contundindo aquele peito onde só se abrigavam sentimentos generosos.

Quando o talentoso e infortunado jovem que foi José Nogueira se viu abatido, em 1914, por mão homicida, José Sombra deixava cair da pena estas palavras que, volvidos dezoito anos, seriam aplicáveis ao seu caso: “Não é a Morte que é cruel, inevitável destino humano. O que a torna estúpida, odiosa e terrível é a maneira como ela, às vezes, vibra seus golpes, pérfida e traiçoeiramente, roubando à vida energias ainda em flor, suprimindo os bons, os fortes, os capazes, num afago de esquecimento para os maus, os fracos, os inúteis e os covardes.”

Os funerais de José Sombra foram verdadeiramente apoteóticos, e eu asseguro que, raras vezes, uma vida se há apagado, no Ceará, assim tão eloqüentemente unvida pela unanimidade da mágoa coletiva. Foi ponderação de Antônio Sales: “Existências belas como a de José Sombra, ainda no momento em que se extinguem, prestam serviço à comunidade, avivando-lhe a sensibilidade, despertando-lhe o sentimento de admiração e fazendo-lhe sentir o valor das nobras consciências e das inteligências supericres.”

Não calo, aqui, uma circunstância, cuja evocação me compege. Quando, em 5 de janeiro de 1932, tomei posse da Cadeira para que fora eleito pelo Instituto do Ceará, coube a José Sombra saudar-me, em nome daquela agremiação cinqüentenária. Ouvindo, enlevado, a palavra faceira do panegirista de meus esforços em prol do vicejamento de nossa literatura folclórica, longe estava de calcular que, menos de quatro meses

depois, eu teria de fazer o elogio fúnebre de quem tanto requintava em complacências comigo e de quem, seis anos mais tarde, após prolongado período, em que houve como que um pudor de se lhe dar substituto, eu teria de estar sendo o sucessor na Academia Cearense de Letras.

Achego-me ao vosso convívio com um orgulho único: o de poder exclamar que o meu predecessor nesta Academia encarnou o ideal do homem-símbolo de Carlyle — vencia “pela força do cérebro e pela bondade do coração”.

Sem as cavilações ciranescas de quem esconde o próprio sentir, não dissimulo quanto me entenece ver meu nome arrolado entre o que o Ceará hodierno possui de mais selecionado neste instante de sua vida literária.

Afastados temporariamente de nosso microcosmo intelectual, honram, lá fora, a Academia Cearense de Letras: Matos Peixoto, professor de Direito; Luís Sucupira, periodista católico; Beni Carvalho, poeta e prosador; Elias Mallmann, jornalista; Mozart Firmeza, crítico de arte; Monte Arrais, juriconsulto; Aduato Fernandes, tupinista; Carvalho Júnior, filólogo; Amora Maciel, o versicultor das *Cantigas de Pã*; Teodoro Cabral, poliglota a serviço dos interesses comerciais do Brasil na Tchecoslováquia. Como se vê, não só o pequenino Sergipe é “exportador de talentos”...

Malgrado essas ausências, que deploramos, o jornalismo aqui está com as penas pugnazes e prestigiosas de Andrade Furtado, Demócrito Rocha e Martins Rodrigues. As letras médicas, modeladas nos mais puros padrões estéticos, estão conosco representadas por Otávio Lobo, Fernandes Távora e Tomás Pompeu Filho. A poesia canta com Cruz Filho e Júlio Maciel, tal como a oratória elegante gorgoeja no faceiro verbo de Mozart Pinto. Se, no ensino do vernáculo, Martinz de Aguiar pontifica, ninguém na mestria do Latim sobreexcede Ermínio Araújo. A História, sobretudo a do Ceará Colonial (e, ainda dentro desta, a crônica das tribos selvagens) seduz o labor indefesso de Carlos Studart Filho. A aridez, as anfra-

tuosidades do jurismo são cepilhadas pelas louçanias estilísticas de Dolor Barreira, Pontes Vieira e Clodoaldo Pinto. O romance modernista possui em Jáder de Carvalho um artista de técnica individual e enleante, como a eloquência sacra inscreve Misael Gomes na nobiliarquia em que cintila o nome de Valdivino Nogueira. Antônio Teodorico, encanecido no magistério, ainda escreve, qual se escrevesse no apogeu da maturidade. Emílio Barbosa é o traquinas humorista a piparotear os ridículos humanos em prosa pintalgada de verve, em estrofes esfusiantes de graça imprevista. Os irmãos Linhares emulam na paixão com que se entregam aos estudos de suas predileções: Joel é o vernaculista que fez a análise magistral da linguagem purista de Alberto de Oliveira; Josafá, o equilibrado sociólogo perquiridor da inquietude contemporânea. Se as ciências naturais são o pábulo do belo espírito de Renato Braga, não apenas as letras bíblicas, mas também as investigações que condizem com a prosperidade da fortuna coletiva, alvoroçam o pragmatismo construtor de Natanael Cortez. Poeta e crítico, panfletário e direitista, a labuta poligráfica de Antônio Furtado é das mais intensas entre quantas se consumam nos ambientes provincianos do meio norte. E, *last, but not least*, Tomás Pompeu Sobrinho e Antônio Sales... São os demiurgos desta instituição, no duunvirato de sua ascendência sobre as inteligências e os corações. Pompeu — que nome heráldico nos fastos de nossa existência mental! — Pompeu é o cientista enciclopédico, Sales o homem de letras, na mais erguida dignidade da expressão. O *right place* de Pompeu seria o Instituto Histórico Brasileiro; o de Sales, a Academia Brasileira de Letras. Bendita a modéstia que lhes aureola os merecimentos! A desambição fá-los inteiramente nossos, clavicularios da glória da Academia Cearense de Letras, guardiães de seu renome na atualidade nacional.

Prazerosamente, cumpro o dever protocolar de vos agradecer, não o chamamento que de mim tivésseis feito, mas a acolhida que vos solicitei e não me recusastes.

Quando, de início, rememorei a parte que, em 1922, me coube na transmutação da Academia Cearense em Academia Cearense de Letras, pretendi insinuar, qual declarei, que eu não era de todo estranho a este cenáculo, não obstante só agora me enfileire entre os refundidores do mesmo em 1930.

E, pois, que nestes falo e já me reportei aos vivos, pronuncio com afeto os nomes dos companheiros mortos. Destarte, na noite de minha venturosa integração no vosso elenco, terei reverenciado quantos constituem a família espiritual de nosso grêmio.

A morte já nos arrebatou quatro de nossos mais autênticos e eficientes valcres: Papi Júnior e José Sombra, Leiria de Andrade e Valter Pompeu.

Papi Júnior... Afigura-se-me estar a vê-lo com aquele ar desconsolado de quem, cruciado por padecimentos físicos e moralmente torturado pelo esquecimento dos contemporâneos, esmava em meio à turba, sem que esta abrisse alas à passagem do glorioso cinzelador de tantos romances magníficos.

Leiria de Andrade e Valter Pompeu... Como que a morte caprichou em nos pungir com requintes de crueldade, roubando ao nosso convívio esses elementos, sem a ação entusiástica dos quais a Academia de 1894 e 1922 não se teria reorganizado em 1930. Lembremo-nos. Foi à noite, como agora, e no prédio nº 862 da Rua 24 de Maio, em reunião presidida por Leiria de Andrade, que ficou assentada a refundição da Academia Cearense de Letras. E a casa em que isso se verificou era a residência de Valter Pompeu, o idealizador e mais ardoroso propugnador do vitorioso cometimento.

Valter Pompeu, mocidade crepitante! Leiria de Andrade, maturidade opima! Papi Júnior, curvado ao peso da própria glória! Não os encontro aqui para o meu amplexo fraternal, mas cortejo a memória daqueles cujo convívio restará indelével nas nossas lembranças, inapagável na nossa recordação mais docemente afetiva.

Aqui me tendes, senhores Acadêmicos.

Detesto os arrebiques da modéstia convencional. Se anuistes em me terdes convosco, foi porque algo esperáveis de mim; se me encorajei a pleitear vossos enaltecedores sufrágios, foi porque alguma coisa vos podia oferecer: um labor incessante, acendrado na mais incorrutível devoção ao nosso bem amado Ceará.